

TEATRO

Gerald Thomas busca a renovação

Dramaturgo e diretor estreia peça on-line em que prega a ruptura das referências como sobrevivência criativa. Por **Dirceu Alves Jr.**, para o Valor, de São Paulo

"A gente vive, a gente sonha, a gente idealiza e a gente se movimenta, a gente atua, se politiza, se mobiliza, se sente vivo e militante, mas e depois... E depois... Nada", lamenta a personagem interpretada por Fabiana Gugli em "G.A.L.A.", o primeiro espetáculo original criado e dirigido por Gerald Thomas para o formato on-line nesta pandemia. Com estreia na quarta-feira (dia 22), às 21h, na página do Sesc Avenida Paulista no YouTube, a peça fica disponível na plataforma a seguir da exibição inicial, com acesso gratuito.

Antes disso, ele realizou uma adaptação virtual de "Terra em Trânsito", monólogo escrito em 2006, também protagonizado por Gugli, apresentada em abril. "É o nosso jeito de sobreviver, por mais triste que isso seja para o teatro, mas também começo a temer a volta do presencial", afirma Thomas, crítico das investidas digitais, antes que novas cobranças sejam feitas por esse segundo trabalho. "Todo mundo se desacostumou de ter pessoas em volta depois de um ano e meio isolado, qualquer um que venha em nossa direção parece um inimigo, e esse retorno pode render surpresas e frustrações enormes."

Thomas, em seu discurso, se aproxima bastante da protagonista de "G.A.L.A." — ou, quem sabe, seria ele a própria. Não, o dramaturgo prefere cravar que a inspiração veio da imagem da russa Gala Dalí (1894-1982), mulher e musa do artista plástico catalão Salvador Dalí (1904-1989), sobre quem leu muito nos meses de confinamento. "Era uma mulher com altas pretensões, tida como genial por ter conquistado Dalí, que era impotente e fugia do sexo, mas acabou sendo só a



Fabiana Gugli em "G.A.L.A.", que Gerald Thomas estreia dia 22 no YouTube do Sesc

musa dele, nada mais que isso", conta.

Em um barco à beira de um naufrágio, a solitária personagem vivida por Gugli busca uma saída viável para renascer depois do caos. Decide, então, quebrar todos os pratos e renegar suas referências, disposta a enxergar o mundo que deve se anunciar. "Chega de Beckett, agora tudo é concreto, para de idolatrar aquela 'Guernica' de Picasso", brada a criatura.

Gerald Thomas pensa um pouco e reconhece que o texto carrega muito dele, um artista de 67 anos, tido como genial por alguns e como blefe por outros, meio à deriva em um mundo imediatista. "Eu não aguento mais idolatrar cacarecos. O Beckett não sai da minha cabeça, o Duchamp me persegue, mas já deu,

com essa pandemia preciso mudar também porque senão nunca mais crio nada", desabafa em relação ao dramaturgo irlandês Samuel Beckett (1906-1989) e ao artista plástico francês Marcel Duchamp (1887-1968), suas confesas inspirações. "Estou engessado, percebo que não produzo nada porque alguém já fez melhor e, ok, o meu melhor foi na década de 1980, realizando Beckett, mas tenho que me libertar das correntes. Mileny, minha filha de 20 anos, que vive no Brasil, me fala de pessoas interessantíssimas que nem sei quem são."

Bem, o encenador de "Trilogia Kafka", "The Flash and Crash Days" e "Um Circo de Rins e Figados" tem tentado, às vezes com mais afinco, outras com menos, enxergar adiante. "Dilúvio",

seu último espetáculo montado no Brasil, em 2017, antecipou a angústia de um fim do mundo acelerado por causa da propagação de fake news. Nos últimos meses, uma surpreendente fase produtiva se anunciou, talvez por essa necessidade de renovação. "A mão foi me levando, quase que escrevendo sozinha", ilustra ele.

Enquanto finalizava "G.A.L.A.", começou a escrever "Traidor", peça para o ator Marco Nanini, que deve ser produzida em audiovisual. "São quatro Naninis interagindo uns com os outros", antecipa. Também trabalha em uma releitura de "Nowhere Man" para ser feita por Fabiana Gugli; existe um projeto, "Estilhaçado", que pode retomar a parceria com o ator Luiz Damasceno, depois de um rompimento de 15 anos; e tenta convencer Ney Latorraca a estrelar uma adaptação de "O castelo", romance de Franz Kafka. "O Ney me prometeu que leria o livro, vamos ver..."

Essa sede criativa, essa ansiedade de sair do "nada", coincidentemente chegou quando seu nome voltou ao noticiário por assuntos alheios ao teatro. Endividado pela falta de trabalho, o diretor correu o risco de ser despejado de seu apartamento, no sul da ilha de Manhattan, depois de ver o aluguel de US\$ 3 mil acumulado por vários meses. "Pensando em real é muito caro, mas para quem ganha em dólar e mora em Nova York é até razoável", compara. Um vídeo enviado a um amigo, confidenciando a dificuldade financeira, supostamente vazou para a imprensa, e o polemista das origens voltou às manchetes. "Essa coisa foi crescendo de um jeito que nunca poderia imaginar."

Como mais um ponto de virada, típico das dramaturgias, Thomas colocou a sua produção de artista plástico à venda em uma espécie de leilão de arte virtual. Dezenove desenhos e pinturas foram negociados em valores que, segundo ele, ultrapassam US\$ 1 mil cada. "Acho que muitos amigos se sentiram pressionados pela mídia a efetuar uma contribuição", declara. "Não vou citar nomes ou revelar o quanto arrecadei, mas dá para zerar a dívida do aluguel." ■